Primazias do Valle do Jaguaribe

Foi o saudoso e grande cearense, Cons.º Tristão Araripe a cujo talento se devem, hoje, importantes serviços de reivindicação historica, na rectificação de scenas ou episodios mal interpretados por alguns escriptores, quem, prestando seu apoio ás memoraveis festas do tricentenario da vinda dos primeiros portuguezes ao Ceará (1603-1903), recordou, em brilhante artigo publicado no

...aio de 1841.

Barão de Studart.

factos historicos e sociaes da nossa patria.

Agora que se edita a «Gazeta do Jaguaribe», como orgam defensor dos interesses da zona jaguaribana, não vem fóra de proposito—imitando-se o gesto patriotico daquelle emerito escriptor—mostrar-se a primazia desse soberbo valle sobre os demais municipios do Estado, sendo, portanto, justissima a propaganda que se faz de sua superioridade encarada sob o ponto de vista physico, politico, economico e administrativo.

Assim, o valle do Jaguaribe destaca-se:

a) Por ter sido aquelle que primeiro, no Ceará, teve a ventura de ver pisar no seu solo o nobre açoriano Pero Coelho de Souza—o heroico desbravador da antiga capitania, o qual aventurando-se em Julho de 1603 á conquista da Serra da Ibiapaba, para o que pedira e obtivera licença do Governador Geral que então era Diogo Botelho, e sahindo da Parahyba, caminhando por jornadas, chegou ao rio Jaguaribe, vindo encontrar os barcos de mantimentos, que havia despachado anteriormente para o dito rio;

b) Por ter sido ainda em seu solo que se travou a maior escaramuça do glorioso feito de 1824 (Santa Rosa), tombando para sempre em suas cercanias o grande vulto dessa revolução Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, esse destimido cearense que—acceitando o systema republicano proclamado em Recife naquelle anno, fêl-o praticar no Ceará «fazendo funccionar o governo democratico com o devido apparelho administrativo, isto é, constituindo presidente popularmente eleito (cuja escolha recahiu na sua pessoa), reunindo conselho popular na capital da provincia, e escolhendo deputados para o congresso nacional constituinte, que devia-se reunir e funccionar na capital de Pernambuco, centro da Confederação do Equador»;

c) Por ser em toda a sua extensão que tem seu longo curso o maior rio do Estado (o Jaguaribe), o qual nascendo nos Inhamuns, extremo occidental das serras da Mombaça, Joanninha e Ibiapaba (Serra Grande), depois de um curso sinuoso de sudoéste a nordéste de mais de 760 kilometros entra no oceano, onde tem sua foz.

d) Por serem suas terras as que registam, annualmente, a maior producção do algodão calculada pela superioridade de roçados (lavras), possuindo ainda em toda a sua extensão—de Lavras ao Aracaty—100.000 hectares de terrenos irrigaveis appropriados a esta lavoura, podendo produzir cerca de 100.000 kilos no valor medio de 70.000 contos de réis;

e) Por ser o local onde mais de perto virão a se sentir, de futuro, os effeitos reaes da monstruosa construcção (já iniciada) do açude dos Orós, hoje, devido o valor de sua bacia hydrographica, considerado o maior açude do mundo;

f) Por ser o valle possuidor do maior carnahubal do Estado, fonte perenne de sua infinda riqueza, sendo incalculavel até o numero existente dessas magestosas palmeiras, como diria o poeta, «de folhagem robusta e verdejante, cujas frondes sacudidas pelas auras rumorejam ciciosas harmonias»;

g) Por ser, afinal, futuramente, o centro principal dessa esperançosa estrada de ferro que partindo do seu porto (Fortinho) vá entroncar com est'outra da Baturité, ficando deste modo o Ceará salvo de suas periodicas crises climatericas, escoando-se com a rapidez, que é de desejar, os productos deste grande celleiro do Estado, «uma das suas inexgotaveis fontes economicas, e das mais solidas bases financeiras».

Algum dia, quando se traduzirem em factos as fallazes intenções dos governos, insistentemente apregoadas em seus relatorios, manifestos e programmas pomposos, quando houver mais acção do que palavras, será emfim reconhecido o valor desta riquissima zona, com privilegios tamanhos, e o Ceará então não pedirá a migalha da fome, que até os nossos dias tanto o tem aviltado perante os povos.

Russas—1921.

Eusebio de Souza.